

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru: Ed. da Universidade do Sagrado Coração, 1999. 258 p.

Formulado originalmente por Edward B. Tylor, através da célebre definição publicada, em 1871, no seu *Primitive Culture*, o conceito de cultura tem origens, contudo, no debate em torno da diferença semântica entre cultura e civilização, a partir do Iluminismo, travado entre intelectuais franceses e alemães. Associado às ciências sociais do mundo anglo-americano, o termo esteve, durante muito tempo, ausente da Etnologia e da Sociologia na França, onde o seu equivalente tem sido o termo *civilisation* (o título da tradução francesa do livro de Tylor acima mencionado, por exemplo, é *La Civilisation Primitive*). A ausência do termo cultura em sua acepção antropológica anglo-americana no mundo intelectual francês revela, porém, mais do que uma divergência puramente terminológica, uma significativa divergência na abordagem científica dos fenômenos sociais, em que pese o fato de que, implicitamente, há alguma proximidade semântica entre o conceito antropológico anglo-americano de cultura e o da noção de fato social, como objeto formal da Sociologia, segundo a formulação de Émile Durkheim em *As regras do método sociológico*.

Apesar de um relativo consenso a respeito dos traços básicos do conceito de cultura no universo acadêmico anglo-americano, não é sem alguma imprecisão e divergência quanto aos seus componentes mais relevantes que ele tem sido empregado, mesmo por sociólogos e antropólogos norte-americanos e ingleses. Alfred L. Kroeber e Clyde Kluckhohn identificaram nada mais nada menos do que 160 definições do termo (*Culture: A Critical Review of Concepts and Definitions*. Papers of the Peabody Museum of American Archeology and Ethnology. v. 47, n. 1, 1952), o que, embora tais definições sejam agrupáveis em seis categorias, bem revela que o consenso a respeito do significado do termo é bem menor do que desejariam os cientistas sociais ingleses e norte-americanos e que, portanto, o debate em torno do problema não acabou.

É o que nos mostra Denys Cuche, não por acaso um francês, no seu *A noção de cultura nas ciências sociais*, originalmente publicado em 1996 e já oportunamente traduzido para português.

Didaticamente claro e sistemático, Cuche aborda os problemas que envolvem o conceito socioantropológico de cultura desde as suas origens entre os intelectuais franceses e alemães, no século XVIII, até as suas

apropriações mais espúrias nas últimas décadas deste século, como, por exemplo, através do seu emprego na resolução de problemas de produtividade na empresa.

Estruturado em sete capítulos e um apêndice à guisa de conclusão, o livro de Cucho analisa a invenção do conceito de cultura, com ênfase no papel de Tylor e Franz Boas como *founding fathers* da Etnologia, sem deixar de lado as contribuições de Durkheim, Lucien Lévy-Bruhl, Bronislaw Malinowski, Ruth Benedict, Margaret Mead, Ralph Linton, Abram Kardiner, Claude Lévi-Strauss e Roger Bastide.

Equívoca-se, porém, o autor de *A noção de cultura nas ciências sociais* ao associar, no capítulo 3, o desenvolvimento do conceito de subcultura às pesquisas etnográficas realizadas pelos sociólogos da chamada Escola de Chicago em torno dos problemas próprios do ambiente urbano. O conceito de subcultura, como desdobramento do conceito de cultura, pressupõe uma concepção macroestrutural de sociedade, o que não acontece com o conceito de mundo social, este sim, próprio da perspectiva dos principais representantes daquela corrente, que vêem a sociedade antes como um complexo de mundos sociais que coexistem e eventualmente se tocam na sociedade urbano-industrial.

É, a propósito, pertinente notar que o *Introduction to the Science of Sociology*, de Robert E. Park e Ernest Burgess, a *green bible* dos seguidores daquele movimento, publicado em 1921, não se refere, em nenhuma das suas 1040 páginas, ao termo subcultura.

O conceito de cultura é, aliás, de importância claramente residual na abordagem da Escola de Chicago, antes fundamentada no conceito de processo social e na sua tipologia, em harmonia com o pensamento de Georg Simmel, de vital importância no desenvolvimento do paradigma teórico-metodológico daquela corrente. Enquanto o conceito de subcultura pertence à concepção, tendente à reificação, da sociedade em termos macroestruturais, o conceito de mundo social parte de uma perspectiva sistematicamente microestrutural fundamentada na observação de indivíduos e grupos concretos em interação, e não em ambiciosas abstrações de discutível legitimidade científica.

Sou tentado a sugerir que o capítulo 6 – *Cultura e Identidade* – parece descartável, pelo fato de só indiretamente dizer respeito ao tema central do livro. Já o capítulo 7 – *Conteúdos e usos sociais da noção de cultura* – é um dos mais ricos e pertinentes de todo livro, sobretudo pelas seções *A noção de 'cultura de empresa'* e *A 'cultura dos imigrantes'*.

Nestas seções, Cuche analisa com aguda penetração os usos distorcidos e tendenciosos do termo cultura, às vezes, por exemplo, como substituto eufemístico da noção de raça. Quanto à falácia da noção de cultura de empresa, Cuche revela a sua completa impropriedade teórica como instrumento conceitual incapaz de dar conta da heterogeneidade do objeto a que se refere, antes ocultando as tensões e conflitos entre as microculturas de que é composto o universo sociocultural das grandes empresas.

Trata-se, como quer que seja, de um pequeno e útil livro a quem queira estar a par do debate em torno dos problemas epistemológicos que o conceito de cultura ainda suscita.

Sebastião Vila Nova  
Fundação Joaquim Nabuco

MONTEIRO, Pedro Meira. *A queda do aventureiro (Aventura, cordialidade e os novos tempos em Raízes do Brasil)*. Campinas: Unicamp-Fapesp, 1999. 335 p.

A cultura brasileira passou da fase de interpretações gerais do Brasil – década de 1930, com as obras clássicas de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior – para a fase monográfica universitária de teses de mestrado e doutoramento, em parte transformáveis em livros pesquisando setores da vida do Brasil em praticamente todas as áreas, não só de Ciências Sociais. Raros, porém, dignos de sobrevivência além da função de obras para consulta de poucos interessados, porque especialistas. Possível a vinda de outro período, quando estas análises servirão entre as matérias-primas de futuras novas sínteses.

Pedro Meira Monteiro inscreve-se na bibliografia sobre Buarque de Holanda com sua crítica a ele, centrada em torno da sua principal obra, *Raízes do Brasil*.

Ali, o conceito-chave de “homem cordial” tinha naturalmente de ser uma das preocupações de análise. Expressão, aliás, oriunda de Ribeiro Couto em carta a Alfonso Reyes, então diplomata mexicano no Rio de Janeiro. Nenhum dos dois nunca previu que o termo ia causar tanta polémica. Em última instância, Alfonso Reyes concordou não só por cortesia com Ribeiro Couto, também correspondia à linha vindo do uruguaio Rodó (*Ariel*, 1899),